

## Apresentação

Diante das notícias de periódicos encerrando suas atividades neste cenário de cortes de verbas para a educação do país, a possibilidade de trazer a público o primeiro número de 2021 da *Rónai – Revista de Estudos Clássicos e Tradutórios* gera uma sensação, ao mesmo tempo, de alívio e de pesar pelos e pelas colegas que se viram impossibilitados e impossibilitadas de seguir nesta atividade tão laboriosa e minuciosa, mas crucial para a produção de conhecimento científico. A publicação deste número, ainda no cenário assombroso que se estabeleceu em nosso país nos últimos anos, sobretudo com o início da pandemia de Covid-19 em 2020, só foi possível graças à generosa colaboração de todas as partes envolvidas no processo editorial: autores, autoras, avaliadores e avaliadoras, a quem agradecemos mais uma vez pela confiança em nosso trabalho e pelo interesse em contribuir com a revista.

Abrimos este número com as contribuições da seção de Estudos Clássicos, que conta com cinco artigos e três traduções. A seção de Estudos Tradutórios apresenta um artigo. Na sequência, apresentamos de forma resumida o teor de cada uma dessas contribuições.

O primeiro artigo da seção de Estudos Clássicos é **As mulheres escravizadas na *Odisseia*** de Gustavo Henrique Montes Frade, Anna Clara Figueiredo Lima, Gabriela de Oliveira Vallejo e Raphaella Nasser Rodrigues. Ali, os autores abordam a representação das mulheres escravizadas na narrativa da *Odisseia* e ainda como se manifesta o modo aristocrático grego arcaico de conceber a escravidão nesta obra homérica. Para tal, são consideradas as relações entre gênero e classe na Antiguidade, assim como as relações entre propriedade (*oîkos*), comunidade e ordem cósmica, e observada, por exemplo, a construção da personagem Euricleia e sua interação com Odisseu no célebre episódio do reconhecimento da cicatriz do herói.

Em **Fedro e a fábula coliâmbica de Catulo**, Gabriel Castilho de Andrade Gil coteja aspectos da poesia de Fedro, autor do século I d.C., e do poema 22 de Catulo (87-57 a.C.), levando em consideração a relação de ambos os poetas latinos com a poesia coliâmbica grega pregressa. Gabriel Gil levanta características presentes na obra coliâmbica remanescente de Hipônax (VI a.C.) e Calímaco (310-240 a.C.) que encontram correspondência com elementos da obra de Fedro. Este artigo destaca ainda o fato de que Fedro e Catulo dão prosseguimento ao precedente calimaquiano de tornar os poemas suportes para a crítica estética, a partir do emprego da fábula.

Na sequência, Leni Ribeiro Leite e Thayrynne Coutinho, em **O mito de Hércules: entre quadrinhos e cordéis**, analisam o mito do mencionado herói no quadrinho de Ortega (2012) e no cordel de Marco Haurélio (2013), em

comparação com as *Metamorfoses*, de Ovídio. Neste estudo, busca-se observar o papel de tais adaptações literárias dentro da dinâmica do ensino de literatura, valendo-se das considerações de Mortatti (2014; 2001) e Dalvi (2013a, 2013b) sobre o ensino de literatura no ensino básico, de Grijó (2017) sobre adaptação de obras literárias, e de Alves (2013) sobre literatura de cordel.

Rodolfo José Rocha Rachid, em *Dýnamis koinonías: mito e dialética no Sofista de Platão*, analisa como, neste tratado platônico, a noção filosófica do poder de comunidade – a *dýnamis koinonías* mencionada em seu título – produz uma teoria da linguagem, pela qual a verdade ou falsidade do discurso pode ser determinada. Na primeira seção, Rodolfo Rachid examina a labuta entre os filhos da terra e os amantes das Formas como condição para estabelecer a comunidade dos gêneros supremos em seus níveis ontológico e mítico. Já na segunda parte do artigo, a noção de tecedura das Formas (*symploké tôn eídôn*) como a manifestação linguística da comunidade dos gêneros supremos é esquadrihada.

Encerrando a série de artigos da seção de Estudos Clássicos, Paulo Sergio de Vasconcellos dedica-se a observar efeitos de um determinado emprego da ordem das palavras que mimetiza o significado veiculado por elas na obra do tradutor maranhense de Virgílio em **Sintaxe mimética nas traduções virgilianas de Odorico Mendes**. Estimulado pela pesquisa de Gonçalves (2021), Paulo Vasconcellos examina em seu artigo passagens em que Manuel Odorico Mendes (1799-1864) parece recriar a sintaxe mimética do original virgiliano, que ele traduz de forma poética, mas aponta também vários passos em que uma possível sintaxe mimética do original não é recriada em português.

A primeira tradução deste número, intitulada ***Esfinge, um drama satírico de Ésquilo***, é de autoria de Wilson Alves Ribeiro Junior. Neste texto, o estudioso apresenta a tradução para o português brasileiro dos fragmentos remanescentes de *Esfinge*, drama satírico de Ésquilo representado em 467 a.C. Além disso, Wilson Ribeiro Junior propõe uma reconstrução conjectural do drama, baseada no mito de Édipo e da esfinge, em cenas de vasos gregos e nos fragmentos.

Na sequência, apresentamos ***Technopaegnon de Décimo Magno Ausônio entre traduções poéticas e não poéticas: seções I, II, III, IV, V, VI e VII*** de Cristóvão José dos Santos Júnior. Em sua submissão, o estudioso oferece traduções inéditas das sete seções iniciais da obra *Technopaegnon* do referido autor do séc. IV d.C. O *corpus* selecionado para tradução é composto de três prólogos em prosa e onze segmentos em verso, marcados por jogos poéticos com vocábulos monossílabos. Para apreciar tal recurso, Cristóvão dos Santos Júnior apresenta duas traduções para cada seção em verso: uma não poética e outra poética. Além disso, aborda elementos da biografia e da obra de Ausônio e comenta as contribuições de João Angelo Oliva Neto (2014; 2016) e Everton Natividade (2013) em relação à prática tradutória do hexâmetro datílico português por Carlos Alberto Nunes.

Por fim, a última tradução da seção de Estudos Clássicos é ***Sobre a Morte dos Perseguidores, de Lactâncio – Capítulos I a XIII: tradução e notas***, de autoria de Diogo Pereira da Silva. Acompanhada de notas, esta tradução para o português brasileiro contempla os mencionados capítulos da obra conhecida como *Sobre a Morte dos Perseguidores (De mortibus persecutorum)*, de Lúcio Cecílio Firmiano Lactâncio (séc. IV). Nesta primeira parte da obra, Lactâncio relata as perseguições sofridas pelos cristãos desde o imperador Nero até a publicação do primeiro Edito de Diocleciano, que iniciou a Grande Perseguição (303-311).

A contribuição da seção de Estudos Tradutórios é **Temporalidade (re)tradutória na concepção bermaniana**, de Ana Magda Stradioto-Casolato. Neste artigo, a autora discute algumas categorias temporais na perspectiva de retradução de Berman e sugere um redimensionamento da noção grega de *kairós* para a um novo modo de conceber o tempo, a noção de origem chinesa *shí*. Esta proposta, de acordo com Ana Stradioto-Casolato, revelou-se mais fecunda às proposições de Antoine Berman acerca da temporalidade de uma retradução abundante (bem-sucedida).

Com a esperança de que os periódicos brasileiros tenham dias melhores, desejamos a todos e todas uma boa leitura!

As editoras  
Carol Martins da Rocha  
Noemi Teles de Melo